

# América Latina, internacionalização e reciprocidade acadêmica

## *Latin America, internationalization and academic reciprocity*

FERNANDO OLIVEIRA PAULINO<sup>a</sup>

Universidade de Brasília. Brasília, DF – Brasil

### RESUMO

O objetivo deste artigo é estimular uma análise reflexiva sobre as ações da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação, tomando como referência seu propósito de ser um suporte institucional para a internacionalização e os desequilíbrios e desafios da internacionalização do campo. O texto procurou sistematizar as principais ações e bases conceituais, políticas e acadêmicas que têm guiado as ações de cooperação da associação. Conclui-se que existe um esforço de maior diálogo dentro e fora da América Latina, pautado na ideia de horizontalidade e reciprocidade acadêmica, por meio de iniciativas que promovam a circulação de conteúdos e que utilizem as tecnologias de informação e comunicação contemporâneas.

**Palavras-chave:** ALAIC, cooperação, diálogo, comunicação

### ABSTRACT

The purpose of this paper is to stimulate a reflective and analytical analysis of actions that have been developed by the Latin American Communication Researchers Association, taking as reference its purposes of being an institutional support for internationalization and the imbalances and challenges in the development of the internationalization of the field. The text sought to systematize the main actions and conceptual, political and academic bases that have guided the institution's cooperation actions. It is concluded that there is an effort for greater dialogue inside and outside Latin America based on the idea of horizontality, academic reciprocity through initiatives that promote the circulation of content in face-to-face activities and that increasingly use information technologies and contemporary communication.

**Keywords:** ALAIC, cooperation, dialogue, communication

<sup>a</sup>Professor da Universidade de Brasília (UnB), presidente da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC) e pesquisador Pq-CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4946-0513>. E-mail: paulino@unb.br



**O**BJETIVO DESTA ARTIGO é estimular uma análise reflexiva e analítica sobre ações que têm sido desenvolvidas pela Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC), tomando como referência seu propósito de ser um suporte institucional para a internacionalização e os desequilíbrios e desafios no desenvolvimento da internacionalização do campo.

Para isso, levou-se em conta as atividades que a ALAIC tem colocado em prática dentro e fora da América Latina por meio de seu corpo diretivo, de seus eventos (tais como congressos, seminários e escolas de verão), de seus grupos temáticos e de interesse, de suas publicações e dos demais esforços de cooperação e intercâmbio científico e acadêmico em parceria com pesquisadores(as), associações nacionais e entidades internacionais. Junto com o balanço das ações, são apresentadas questões vitais para práticas de internacionalização e de reciprocidade acadêmica com o propósito de fortalecer o ensino, a pesquisa e extensão em comunicação.

Entende-se que tanto as instituições de educação superior como as entidades acadêmicas têm um importante papel na internacionalização do conhecimento em função de importantes similaridades, funcionalidades e finalidades epistemológicas, políticas e sociais, conforme princípios apontados e sistematizados por autores como Fernando Seabra Santos e Naomar Almeida Filho (2012) e José Camilo dos Santos Filho (2020).

### **ALAIC E PROMOÇÃO DA COOPERAÇÃO NA AMÉRICA LATINA**

A Associação Latinoamericana de Investigadores da Comunicação foi oficialmente fundada em 1978, como resultado de esforços de pesquisadores da região em criar um ambiente de maior cooperação científica e acadêmica. Para isso, foi fundamental a pré-existência de associações nacionais como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e a Associação Mexicana de Investigadores da Comunicação (Amic), presentes, respectivamente, no Brasil, em 1977, e no México, em 1979 (Fuentes-Navarro, 2019), e as atividades de outras entidades internacionais, com dimensão mais global, tais como a International Association for Media and Communication Research (IAMCR), fundada em 1957, e a International Communication Association (ICA), também com origens na década de 1950.

Vale destacar que, ao longo do tempo, pesquisadores(as) transitaram com apresentações e participações em associações nacionais e regionais, em

complementaridade com pesquisadores com atuação em organizações nacionais e na ALAIC.

Dentre os fundadores da IAMCR, impulsionada pelo apoio de organizações como a Unesco, estava, por exemplo, um latino-americano: Danton Jobim (Marques de Melo, 2005), que mesclava a experiência acadêmica como professor da então Universidade do Brasil com a prática como editor do *Diário Carioca*.

Ao longo dos anos, latino-americanos participaram da história da entidade e, partir da mobilização de pesquisadores da região, acompanhados por colegas de outros países, a IAMCR incorporou o espanhol como um de seus idiomas oficiais em 2002, contribuindo para mais condições de produção e acesso a conteúdos desenvolvidos fora dos países com maiores estruturas e estimulando ações realizadas nos congressos científicos da entidade (Paulino, 2013, 2023).

Também merecem registro os pontos de encontro históricos entre a atuação da ALAIC como entidade de representação e participação direta ou indireta de pesquisadores(as), a Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social (Felafacs) que, como seu próprio nome indica, tem nas instituições sua base de sustentação e atuação, e com o Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), impulsionado nos anos 1950 pela Unesco.

No artigo “Cuatro Décadas de Internacionalización Académica en el Campo de Estudios de la Comunicación en América Latina”, Raúl Fuentes-Navarro (2016) descreve que a identidade latino-americana nos estudos de comunicação tem uma referência histórica inevitável, e sua percepção de ampla identidade se manifesta nas publicações, nos projetos e nos encontros acadêmicos institucionalizados pela ALAIC e pela Felafacs. Maria Cristina Gobbi (2008) fez um importante histórico dos primeiros 30 anos da ALAIC e dos esforços de seus integrantes para intercambiar e propagar a pesquisa em comunicação na América Latina, destacando o papel dos eventos e das publicações da entidade.

A partir de uma reorganização institucional e notarial necessária, em 1989, a ALAIC tem conseguido manter regularidade na organização de seminários e congressos a cada dois anos. Os congressos da ALAIC têm reunido centenas de pessoas, incluindo e promovendo interações entre pesquisadores(as) renomados(as) e jovens pós-graduandos(as) ou graduandos(as). Tais eventos são majoritariamente baseados em conferências magnas, painéis, debates ou seminários no período da manhã, grupos temáticos (GT) e grupos de interesse (GI) ao longo das tardes.

Como resultado dos congressos, a comissão organizadora de cada evento e a diretoria da ALAIC têm buscado publicar os anais (“*libro de actas*”, em espanhol) dos textos apresentados, desde que contem com a autorização das pessoas que estiveram presentes de maneira direta ou remota.

Nos intervalos bienais dos congressos, são realizados os seminários, com formato análogo ao dos congressos, mas com duas diferenças substanciais. A primeira é que costuma reunir um número menor de participantes, e a segunda é que os seminários têm um ambiente experimental mais estabelecido, permitindo que pesquisadores(as) proponham e consumam atividades de GI.

Para selecionar GI (complementares aos GT durante os congressos e essenciais para os seminários), a direção da ALAIC abre uma chamada aos seus sócios. As pessoas interessadas apresentam propostas. As selecionadas ficam abertas ao público, que acaba, muitas vezes, por descobrir o evento a partir do contato entre seus interesses e os tópicos que compõem as ementas dos GT e dos GI.

As proposituras, seleção e criação de GI têm um importante poder de renovação temática e, por que não, epistemológica. Ao longo dos últimos dez anos, por exemplo, pode-se destacar a proposta e aprovação de grupos ligados a temas como gênero, tecnologias digitais e liberdade de expressão e direito à comunicação como resultado direto do método de trabalho descrito acima.

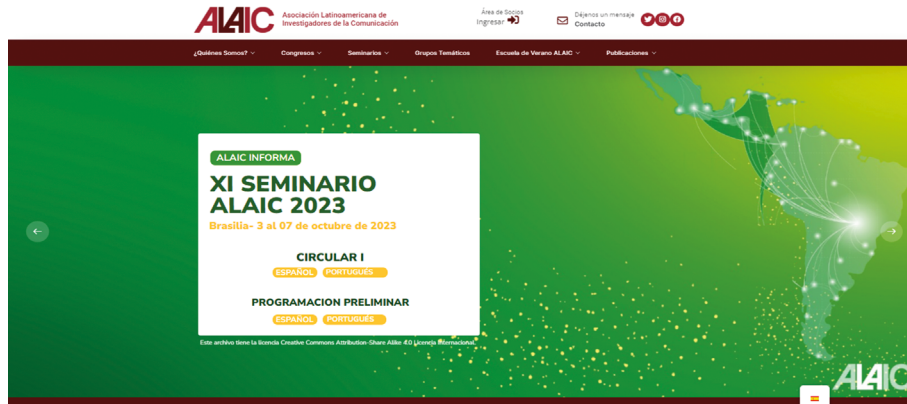
Um importante desafio para os constituídos GT e para os experimentais GI é conseguir manter o contato e a produção para além da realização dos congressos e seminários. Outro ponto relevante é estabelecer bases e procedimentos de coordenação que permitam rotatividade, participação e prestação de contas na condução dos grupos tanto para quem dele participa como para a direção da ALAIC.

É comum e compreensível que as coordenações dos GT e dos GI consigam reunir mais aderência e interesse nos períodos imediatamente anteriores ou posteriores aos eventos. Porém, cada vez mais, e impulsionados pelas atuais tecnologias de comunicação e informação, as(os) participantes têm conseguido realizar eventos (sobretudo remotos) e publicações por meio de uma interação mais fluida.

Para dinamizar essa realidade, inclusive, a ALAIC está reformando seu site ([www.alaic.org](http://www.alaic.org)) para possibilitar mais espaços e condições de interação para cada membro de seu Grupo (Temático ou de Interesse) e também para aumentar as intersecções e ações de cooperação entre os grupos, que muitas vezes podem se fortalecer em contato com iniciativas já consolidadas ou em vias de consolidação (Figura 1).

Figura 1

Site da ALAIC



Além disso, a ALAIC tem promovido duas importantes iniciativas de cooperação acadêmica para dentro e para fora da região: a primeira é a publicação da *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, criada em 2004, como veículo capaz de:

exponer la riqueza existente en la producción científica en el área de la comunicación a nivel latinoamericano e internacional, en busca de entender este nuevo contexto en el campo comunicacional. Pretende ser una instancia plural que resguarde una morada para el debate de los grandes temas de las ciencias de la comunicación. (Kunsch, 2011, p. 7)

Em 2011, a ALAIC também estabeleceu seu *Journal of Latin American Communication Research* (JLACR), que tem sido um instrumento com o maior objetivo de estabelecer pontes e praças com colegas de fora da região, inclusive pela maior possibilidade e maior número de textos em inglês, idioma com maior capilaridade científica<sup>1</sup> no ambiente global.

Nos últimos anos, tanto a direção da ALAIC como os(as) editores(as) responsáveis pelas publicações têm buscado uma maior interação com o objetivo de fortalecer a política editorial da associação por meio do intercâmbio de informações, temas editoriais e de textos e da otimização dos processos de produção e registro dos textos publicados.

Tem-se exigido do ambiente acadêmico a catalogação e a inclusão dos artigos publicados em base de dados que aumentam, ao menos em tese, a leitura e a visibilidade em rankings de metrificação e avaliação da produção científica. Para isso, a ALAIC e os(as) editores(as) das publicações da entidade

<sup>1</sup>Estudos sobre diversidade linguística no ambiente científico têm mostrado que um número significativo de acadêmicos tem priorizado a produção de conteúdos em inglês. Relatório sobre diversidade linguística mostra que mais de 8 em cada 10 pesquisadores ibero-americanos escrevem no idioma anglo-saxão e não em suas línguas maternas e que, presente em 95% dos artigos científicos, inglês cria uma espécie de "ditadura da língua" com apenas 1% dos textos em português e espanhol (Bonilla, 2021).

organizaram um esforço de registro DOI (Digital Object Identifier) de todos os artigos publicados.

### **DESAFIOS CIENTÍFICOS E AÇÕES DE COOPERAÇÃO COM INSTITUIÇÕES E PESQUISADORES(AS) DE OUTRAS REGIÕES**

Como apontado acima, o fluxo de ações de pesquisa e também de ensino e extensão tiveram impulsos de dentro e de fora da América Latina. Dessa maneira, ao longo do tempo, a região não apenas organizou eventos voltados para a comunidade acadêmica regional e participou de congressos em diferentes países, como também sediou congressos globais importantes, tais como os eventos organizados pela IAMCR (<https://iamcr.org/congress/annual-conferences>) com o suporte de organizações locais, em 1972, em Buenos Aires, em 1980, em Caracas, em 1992, no Guarujá, em 1997, em Oaxaca, em 2004, em Porto Alegre, em 2009, na Cidade do México e, em 2017, em Cartagena das Índias, Colômbia.

No âmbito da IAMCR, vale destacar o papel da ALAIC como entidade associada, o que permite a seus sócios(as) um pagamento de valor reduzido nas inscrições em eventos da entidade global, mas também possibilita a realização e inserção de painéis na programação dos congressos das duas entidades.

Desde 2011, ALAIC e IAMCR têm contado com integrantes de parte a parte em mesas incorporadas à programação dos eventos, promovendo cooperação, troca de experiências e intercâmbio científico e político.

A permanente atuação contribuiu para maior interação da associação latino-americana com suas parceiras em outras regiões do mundo, destacando-se a interação com a congênera europeia. A European Communication Research and Education Association (Ecrea) foi criada em 2005 com a fusão das então duas principais associações de pesquisadores(as) da comunicação, a European Communication Association (ECA) e a European Consortium for Communications Research (ECCR).

A interação realizada por meio de eventos, associada ao crescimento da utilização da internet como tecnologia de comunicação cada vez mais cêntrica, igualmente proporcionou cooperação em eventos mais contínuos com diferentes formatos.

Dentre as ações de cooperação estabelecidas direta ou indiretamente com a Ecrea, com a IAMCR, com a International Communication Association (ICA) e com outras entidades nacionais e regionais pelo mundo, vale o registro das mesas nos congressos das entidades, o intercâmbio na realização de escolas de verão e a publicação conjunta de obras voltadas para uma maior aproximação epistêmica e metodológica.

Com versões em inglês e em espanhol, o livro *Research Traditions in Dialogue. Communication Studies in Latin America and Europe* (Paulino et al., 2020) reúne um amplo leque de pesquisadores(as) que buscaram realizar cruzamentos de áreas da comunicação nos dois lados do Oceano Atlântico em método dialógico (Figura 2).

**Figura 2**

Capa de *Tradiciones de Investigación en Diálogo*, livro resultante da cooperação e das ações de internacionalização entre ALAIC e Ecrea





A obra resultou da relação de cooperação entre ALAIC e Ecrea e foi apresentada e debatida antes, durante e depois de seu lançamento com o suporte das associações. Seu formato pode ser útil para ações com outras regiões do globo terrestre. Com a redução da incidência da covid-19, existe a esperança de que esse método seja útil para ações com colegas africanos, asiáticos e da Oceania, principalmente no ambiente do chamado Sul Global.

Outro resultado importante da relação com a Ecrea foi a criação da Escola de Verão (EV) “Pesquisa em Comunicação na América Latina”, em 2014. A iniciativa resultou da vontade do corpo diretivo da ALAIC e do estímulo e troca de ideias promovidos pela Ecrea.

As três primeiras edições da EV latino-americana aconteceram em Brasília e foram seguidas pelo acolhimento de colegas de Montevideú, Córdoba, Lima, La Paz e Barranquilla. Em cada uma das edições, pós-graduandos(as) e pesquisadores(as) tiveram a oportunidade de interagir em encontros formais e informais que possibilitam mais diálogos, troca de ideias e intercâmbio de experiências, além da publicação de textos produzidos pelos responsáveis pelas edições e pelos mestrandos e doutorandos.

O principal desafio das iniciativas acima é conseguir os recursos financeiros para a realização das ações planejadas. Porém, junto às condições materiais, vale mencionar algumas dificuldades imateriais que surgem e podem ser entraves superiores a problemas logísticos.

Ao longo do tempo, tem sido possível perceber dificuldades relacionadas a etnocentrismos diretos ou invertidos que fazem, em algumas situações e alguns momentos, a capacidade de ouvir ser mais reduzida que a vontade e a inconveniência de falar. A seguir, apresentamos circunstâncias e situações reais ou hipotéticas capazes de exemplificar tais desafios.

## **INTERNACIONALIZAÇÃO E RECIPROCIDADE ACADÊMICA: SUAS BASES E SUAS APLICAÇÕES**

Em grande medida, governos de países de dentro e de fora da América Latina têm buscado e/ou anunciado ações que coloquem em prática uma diplomacia profissional mais cuidadosa com discursos emitidos e práticas realizadas, fomentando uma reorientação da diplomacia oficial e também estimulando ações de diplomacia pública (Cull, 2008) que incluam organizações não governamentais, a exemplo das entidades científicas.

A internet e as maiores possibilidades de produção, distribuição e acesso a conteúdos audiovisuais têm sido decisivas para que, ao menos no plano das



aparências, os governos cuidem de suas imagens e da repercussão de atos que possam prejudicar interesses e negócios.

Assim, além dos tradicionais cursos de formação existentes em países como França, Estados Unidos e Brasil, tem havido a publicação de cartilhas e informações online destinadas a orientar cidadãos e cidadãs para que tenham mais condições de saber como se comportar para, numa visão minimalista, evitar ruídos, choques culturais e situações de risco.

A preocupação com o fenômeno da diplomacia pública deveria e poderia estar mais presente na formação e prática de pessoas interessadas na cooperação entre pesquisadores(as) e instituições científicas, promovendo diálogos mais produtivos, pautados no que temos denominado *reciprocidade acadêmica*, inspirada na *reciprocidade diplomática*. Em síntese, nas relações exteriores, é fundamental criar mecanismos para diminuir as chances de que a assimetria econômica e a militar guiem completamente ou quase completamente os resultados das trocas acadêmicas, culturais e/ou sociais<sup>2</sup>.

Por analogia, parece ser cada vez mais fundamental estimular que a cooperação acadêmica e científica tenha reciprocidade, e os pesquisadores e instituições envolvidas compartilhem, tenham acesso e sejam identificados pela cessão de “matéria-prima”, pelo tratamento dos dados, pela publicação dos resultados e pela citação do esforço compartilhado. Essa sequência, inclusive, pode evitar a perpetuação da máxima econômica da exportação de “commodities” (dados brutos como matéria-prima) acadêmicas por pessoas de países com menor poder aquisitivo e a importação de dados tratados, ou “produtos industrializados”, realizados por colegas vinculados a universidades ou instituições em lugares com maior grau e possibilidade de trabalho.

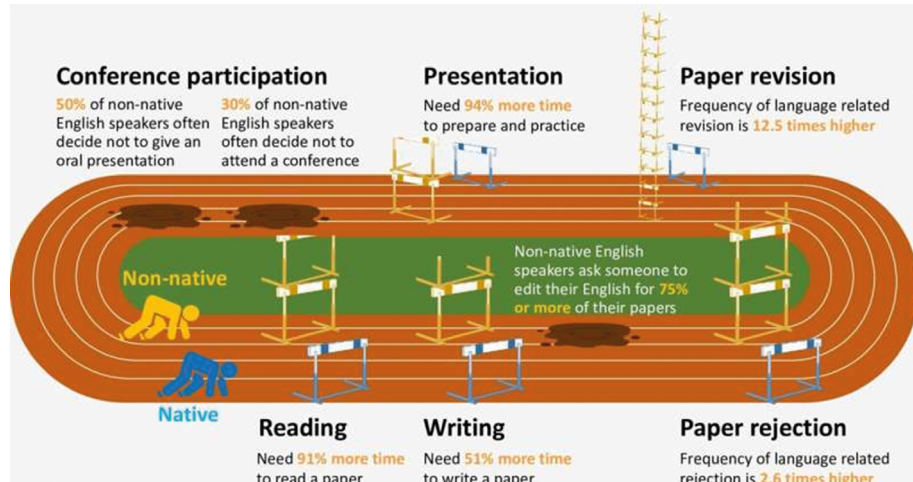
Outro ponto importante a ser observado é a necessidade de não apenas ver, entender ou “oferecer” a região como local de realização de eventos ou de prospecção de sócios para outras organizações. O crescimento do inglês como língua franca tem trazido desafios tanto na criação de canais como o *Journal of Latin American Communication Research*, citado acima, como na realização de debates e eventos que entendam o idioma além da ideia de que o inglês seria “o esperanto que deu certo”<sup>3</sup>. Como pode ser observado na Figura 3, pessoas que nasceram em países não nativos do inglês encontram mais dificuldades para realizarem apresentações orais ou participarem de eventos científicos, lerem, escreverem e revisarem conteúdos, dificultando acesso e circulação de materiais.

<sup>2</sup> A título de ilustração, no XIII Congresso da ALAIC, promovido pela entidade no México, em 2016, fui interpelado por um colega brasileiro que cobrou da diretoria da entidade cerca de 50% de brasileiros na programação científica da entidade, visto que os brasileiros representavam metade do número de sócios da associação. Argumentei que era necessário ponderar outras variáveis na definição de programação de um evento científico, não apenas a proporção de número de sócios. Também tive a oportunidade de dizer que, se essa regra fosse levada à risca, colegas de países menores teriam ainda menos condições de falar e serem ouvidos(as) e, no plano global, haveria poucos espaços para participação nas mesas em função do maior número de habitantes e membros de entidades da IAMCR e da ICA provenientes de países como China e Índia. Considero que o interlocutor compreendeu e aceitou os argumentos, mas também creio que ainda há muito a debater sobre isso para aumentar o fluxo de ideias e de pessoas.

<sup>3</sup> Frase utilizada por Rita Lee em entrevista concedida em 1991.

**Figura 3**

*O custo de não ser um nativo em inglês na ciência*



Nota. Public Library of Science (2023).

<sup>4</sup>No original: “La coexistencia de variadas configuraciones culturales y económicas, no pasibles de ser subsumidas a un principio totalizador y jerarquizante, pone en cuestión los saberes hegemónicos, evidenciando la existencia de otras matrices de otras matrices epistemológicas, a las cuales es preciso escuchar.

El conjunto de categorías derivadas de la reflexión sobre el papel, no más periférico, ocupado por América Latina en el modo de reproducción ampliada del capital y de las nuevas sociabilidades y sensibilidades allí accionadas, se convierten, pues, esenciales para comprender mejor la realidad global”. Esta e demais traduções, do autor.

<sup>5</sup>No original: “La coexistencia de variadas configuraciones culturales y económicas, no pasibles de ser subsumidas a un principio totalizador y jerarquizante, pone en cuestión los saberes hegemónicos, evidenciando la existencia de otras matrices de otras matrices epistemológicas, a las cuales é preciso ouvir.

O conjunto de categorías derivadas de la reflexión sobre el papel, no más periférico, ocupado por América Latina en el modo de reproducción ampliada del capital y de las nuevas sociabilidades y sensibilidades allí accionadas, se convierten, pues, esenciales para comprender mejor la realidad global”.

A necessidade de promover mais espaços de trocas em ambiente mais propício ao uso do português e do espanhol foi uma das razões para o envolvimento e a participação da ALAIC na fundação, em 2009, da Confederação Ibero-Americana de Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Confibercom). A preocupação com uma comunicação mais dialógica e horizontal tem orientado a atuação da diretoria da ALAIC e está presente em importantes documentos norteadores. Dentre eles, merece menção a “Carta de La Paz”, assinada por integrantes das direções de entidades latino-americanas que pactuaram a necessidade de que:

A coexistência de diversas configurações culturais e econômicas, sem possibilidade de suas subsumidas a um totalizador e hierarquizante, coloca em questão os saberes hegemônicos, evidenciando a existência de outras matrizes de outras matrizes epistemológicas, a las cuales é preciso ouvir. O conjunto de categorias derivadas da reflexão sobre o papel, não mais periférico, ocupado pela América Latina no modo de reprodução ampliada do capital e das novas sociabilidades e sensibilidades accionadas, se converte, pode, essencial para compreender melhor a realidade global (tradução nossa)<sup>4</sup>. (ALAIC, 2013)<sup>5</sup>

Para materializar os princípios que guiaram sua elaboração, a “Carta de La Paz” prescreveu a necessidade da produção coletiva de um repositório do pensamento comunicacional latino-americano, que tem o objetivo e o poder de

promover a comunhão de esforços de diferentes associações e outras instituições paradigmáticas do campo da comunicação em esforço comum de curto, médio e longo prazo.

O site da ALAIC tem procurado ser parte desses esforços, proporcionando conexões e disponibilização de conteúdos relacionados à memória e à história do pensamento comunicacional latino-americano, além de dar notícias sobre ações de relevância e impacto regional. Nesse aspecto, também vale destacar os esforços relacionados ao uso de mídias sociais, sobretudo os canais da ALAIC no Instagram (<https://www.instagram.com/alaicorg/>), no Facebook (<https://www.facebook.com/alaic.org/>) e no YouTube (<https://www.youtube.com/@alaicorg221>), que têm possibilitado maior circulação e visibilidade.

Destaca-se neste texto a necessidade de promoção da memória, pois entendemos que tal compartilhamento de dados pode fortalecer a ideia de reciprocidade e cooperação em bases nas quais a comunidade latino-americana tenha ainda mais condições bibliográficas e bibliométricas de conhecer a produção desenvolvida na região.

Aplicar o que se conhece dentro e fora da região pode ser igualmente fundamental para um intercâmbio no qual as(os) autoras(es) latino-americanos sejam percebidos como pessoas com capacidade não apenas de tratar e avaliar o que se passa na América Latina, incidindo – por que não? – em reflexões que se concentram ou que se propagam majoritariamente dos chamados países centrais.

Nesse aspecto vale mencionar a necessidade de um maior aprofundamento dos debates, produções e reflexões por parte das instituições e das associações em relação à economia do conhecimento. Não deixa de ser um desafio importante promover mais formas de circular a produção desenvolvida na América Latina dentro e fora da região, com a constituição de repositórios e a realização de eventos como os citados acima.

Para isso, é essencial um debate permanente sobre o fluxo de informação e comunicação<sup>6</sup> editorial e sobre a construção de canais regionais, mas também sobre o funcionamento das empresas bibliográficas que, por vezes, oferecem serviços que não são, infelizmente, acessíveis por parte de quem pesquisa e nem pelas instituições contratantes, contribuindo para que autores não apenas não recebam pelos textos publicados de maneira aberta ou fechada, como tenham que pagar para acessar seus próprios conteúdos em editoras ou revistas estrangeiras. De maneira distinta, colegas de países com maiores condições econômicas atuam em instituições que assinam bases de dados com maior capacidade de acesso.

<sup>6</sup> Uma referência fundamental para essa questão ainda é o Relatório MacBride (1980). Muito do que a então Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação apontava permanece relevante ao propor uma Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação. No ambiente editorial, acadêmico e científico ainda é nítido um fluxo desigual e descompensado tanto em escala global como em âmbito regional. Negar essa realidade ou querer transformá-la à força pode não apenas manter, mas fortalecer iniquidades.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto procurou sistematizar as principais ações e bases conceituais, políticas e acadêmicas que têm guiado as ações de cooperação da ALAIC. Como pode ser observado, existe um esforço de maior diálogo, tanto dentro quanto fora da região, pautado na ideia de horizontalidade e reciprocidade acadêmica.

Para isso, busca-se criar e consolidar iniciativas que promovam a circulação de conteúdos em atividades presenciais e que utilizem, cada vez mais, as tecnologias de informação e comunicação contemporâneas.

O artigo prescreve a necessidade do aprofundamento do debate sobre economia do conhecimento para que sejam pensadas e colocadas em prática mais medidas de produção, distribuição e acesso a conteúdos produzidos no âmbito latino-americano, também contribuindo para que o papel de pesquisadores(as) da região não seja apenas acessório ou inferiorizado.

Conhecer a produção desenvolvida ao longo do tempo, em livros e nas publicações da ALAIC, pode ser uma peça-chave para evitar ou ao menos diminuir situações de inferiorização e para trocar tais práticas por uma relação de respeito e maior interação e participação, compreendidas como oportunidades de compartilhamento de incidência e poder. ■

### REFERÊNCIAS

- Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação. (2013, 20 de novembro). Carta de La Paz. <https://bit.ly/3sHn0LJ>
- Bonilla, J. M. H. (2021, 28 de julho). Em 95% dos artigos científicos, inglês cria “ditadura da língua”. Apenas 1% está em português e espanhol. *El País*. <https://bit.ly/3sD9ngD>
- Cull, N. J. (2008). Public diplomacy: Taxonomies and histories. *The Annals of the American Academy of Political Science*, 616(55), 31-54.
- Fuentes-Navarro, R. (2016). Cuatro décadas de internacionalización académica en el campo de estudios de la comunicación en América Latina. *Disertaciones: Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social*, 9(2), 8-26.
- Fuentes-Navarro, R. (2019). Pesquisa e metapesquisa sobre comunicação na América Latina. *MATRIZes*, 13(1), 27-48. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p27-48>
- Gobbi, M. C. (2008). *A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina: 30 anos de ALAIC*. Cátedra Unesco, Umesp.
- Kunsch, M. M. K. (2011). Editorial. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 1(1), 7-8.

- MacBride, S. (Coord.). (1980). *Un solo mundo, voces múltiples. Comunicación e información en nuestro tiempo*. Fondo de Cultura Económica.
- Marques de Melo, J. (2005). O pioneirismo de Danton Jobim na pesquisa jornalística brasileira. *Contracampo*, 12, 12-22.
- Paulino, F.O. (2013). A participação brasileira no congresso da IAMCR em Durban, África do Sul. In J. C. G. R. Lima & J. Marques de Melo (Orgs.), *Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil* (Vol. 3, pp. 39-46). IPEA.
- Paulino, F. O. (2023). Brazil in History and in the Present: IAMCR and the participation of Brazilians. In J. Becker & R. Mansell (Orgs.), *Reflections on the International Association for Media and Communication Research: Many voices, one forum* (pp. 373-379). Palgrave Macmillan.
- Paulino, F. O., Kaplún, G., Mariño, M. V., & Custodio, L. (2020). *Research traditions in dialogue. Communication studies in Latin America and Europe*. Media XXI.
- Public Library of Science. (2023, 18 de julho). The cost of being a non-native English speaker in science. *Phys*. <https://bit.ly/3SQ65Ba>
- Santos, F. S., & Almeida, N., Filho. (2012). *A quarta missão da universidade: Internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. Editora UnB, Editora UC.
- Santos, J. C., Filho. (2020). Internacionalização da educação superior: Redefinições, justificativas e estratégias. *Série-Estudos*, 25(53), 11-34.

---

Artigo recebido em 1 de agosto de 2023 e aprovado em 20 de setembro de 2023.



